



Apresentação

Apresentação

Na 27ª assembleia da ANPOLL, realizada na Universidade Federal Fluminense no dia 13 de julho de 2012, foi aprovado o tema proposto pelo Conselho Editorial da Revista da ANPOLL para os números 36 e 37, a saber, “Leitura, escrita e criação: Linguística” e “Leitura, escrita e criação: Literatura”. O número de Linguística contou com a participação expressiva de pesquisadores do país na submissão e na avaliação de artigos, que abordam a leitura e a escrita em diferentes esferas da atividade humana, analisadas, também, sob diferentes perspectivas teóricas, como poderemos observar na apresentação dos textos.

Os autores dos dois primeiros artigos discutem a leitura e a escrita de textos multimodais e hipertextuais na esfera escolar. Vânia Soares Barbosa e Antonia Dilamar Araújo, no artigo “Multimodalidade e letramento visual: um estudo piloto de atividades de leitura disponíveis em sítio eletrônico”, tal como o título anuncia, apresentam um estudo que analisa as atividades de leitura em língua inglesa em um sítio eletrônico, com o objetivo de “observar a organização do design gráfico, em sua relação texto e imagem, e diagnosticar a possível contribuição desta para ampliar o letramento visual de seus usuários, considerando os enunciados e as questões propostas para a realização daquelas atividades”. Por sua vez, em

“Tecnologia digital e agência: ressignificando a tarefa da escrita escolar”, Júlio Araújo e Messias Dieb abordam “a relação que estudantes de escola pública, em zonas periféricas da cidade de Fortaleza, têm construído com a tarefa escolar da escrita envolvendo as tecnologias digitais, a fim de compreender como eles se movimentam no ambiente estruturante da escola e nele tentam obter suas conquistas, tanto pessoais como coletivas, auxiliados pelos recursos que tais tecnologias oferecem”.

Os quatro textos seguintes abordam a escrita no contexto escolar. Cristiane Fuzer, em “Ateliê de textos: (re)invenção e (re)escrita de histórias no ensino básico”, como o título indica, apresenta os resultados de um projeto de escrita desenvolvido em um ateliê de textos, durante três anos, com alunos das séries finais do Ensino Fundamental de quatro escolas públicas. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta e Ana Maria Di Renzo, no texto “Escrita, sujeito leitor e Escola: relações de poder”, trazem “uma reflexão teórica sobre a escrita na relação com a leitura no espaço da Escola” e discutem “como ela [a escrita] se significa e se constitui nas práticas de linguagem”. Já Cármen Lúcia Hernandez Agustini e Selma Zago da Silva Borges, no artigo “A crônica e o viver na e pela linguagem: narrativas escolares sob um olhar enunciativo”, objetivam “compreender as noções de enunciação e de (inter)subjetividade, por meio da análise de narrativas escolares, pertencentes ao gênero *crônica*” e concluem que “o gênero é ao mesmo tempo um modelo e uma transgressão resultante do manejo da língua, que, em um ato de escrita, significa produzir algo singular e próprio do sujeito”. Por fim, Maria Hozanete Alves de Lima e Eduardo Calil de Oliveira, em “A ocorrência homonímica como fenômeno que interfere no processo de criação em manuscritos escolares”, discutem “a ocorrência homonímica como um dos fenômenos que pode interferir em processos de criação de narrativas ficcionais em ambiente escolar”, tomando “o diálogo e o manuscrito escolar estabelecido por uma dupla de alunas recém alfabetizadas” como objeto de análise.

Os cinco artigos seguintes têm como temática central a leitura. Onici Claro Flores, em “Quando as crianças passam a entender que dois textos *querem dizer* o mesmo, ainda que as palavras neles

contidas sejam diferentes?”, discute os resultados de uma pesquisa cujo mote era “uma proposta de atuação docente com recepção leitora, baseada na interação professor-alunos, alunos-alunos, [...] visando tanto ao desenvolvimento da consciência textual de leitores iniciantes, [...] quanto à construção intersubjetiva do conhecimento”. No artigo “A percepção de efeitos de sentido no desenvolvimento da competência languageira”, Beatriz dos Santos Feres “identifica mecanismos de produção de efeitos de sentido constituintes da competência languageira, com destaque ao processo de patemização, que pode se basear no emprego de signos organizados em enunciados que testemunham como o mundo é percebido pelos sujeitos em função dos valores atribuídos socialmente aos fenômenos [...] ou pode ser resultado de recursos textuais fundados na iconicidade”.

Silvia Regina Nunes e Décio Rocha tratam da leitura na esfera jornalística. No artigo “Sobre a divisão social da leitura em infográficos impressos”, Silvia Regina Nunes objetiva responder a seguinte questão: “como se constituem práticas de leitura contemporâneas *sobre* a infografia”? Como resultado, para a autora, “compreende-se a constituição de uma divisão social do trabalho da leitura, que atesta o efeito autoritário do discurso jornalístico, bem como a produção de efeitos de literalidade e consenso para a linguagem”. Por sua vez, Décio Rocha, no texto “Acontecimento e memória (2): encontro de gêneros discursivos que (re)contam a história de um Brasil-ainda-colônia”, realiza “uma releitura de textos publicados em diferentes jornais brasileiros como desdobramento de evento ocorrido em Ouro Preto, Minas Gerais, aos 21 de abril de 1999”, observando “o modo pelo qual se articulam gênero do discurso e cenografia” e buscando “responder às dificuldades criadas em torno de três tópicos centrais: (i) suposta presença de um duplo quadro cênico nesses textos; (ii) distância entre a referida dupla configuração cênica e os fenômenos de hibridismo de gêneros, que parecem antes remeter à noção de cenografia; (iii) papel desempenhado pela cenografia”. Por sua vez, em “Reconhecimento dos marcadores prosódicos da escrita em situação de leitura e de oitiva: um processo interativo”, as autoras Vera Pacheco e Marian Oliveira sustentam que os marcadores “possuem dupla realidade: forma escrita e forma

auditiva”, bem como supõem que “o seu reconhecimento deva ser diferente das demais palavras escritas em um texto, requerendo uma arquitetura dos sistemas perceptuais que contemple o seu aspecto visual e auditivo e sua natureza prosódica com acesso interativo às informações contidas nesses sistemas”.

Na sequência, Phablo Roberto Marchis Fachin, no texto ““Escreve quem sabe e assina quem pode’: produção e circulação de manuscritos no Brasil colonial”, apresenta resultados iniciais de projeto de pesquisa que tem por objetivo “buscar dados que permitam maior segurança na utilização de documentação manuscrita em circulação pública, de modo a propiciar conjunto confiável e consistente para descrever a escrita em língua portuguesa no Brasil setecentista”.

Os três artigos seguintes tem como objeto de estudo o dicionário. Américo Venâncio Lopes Machado Filho, em “A variação linguística em dicionários escolares: o estado da arte”, como o título sinaliza, apresenta “o estado da arte no que concerne ao registro da variação linguística em dicionários escolares brasileiros contemporâneos, nomeadamente nos que se destinam ao ensino médio, com vistas a estabelecer um diagnóstico e, conseqüentemente, uma estratégia de ação, associada a um trabalho lexicográfico renovado para o adequado tratamento da variação lexical em língua portuguesa”. Por sua vez, Maucha Andrade Gamonal e Tiago Timponi Torrent, no artigo “Frames como interlíngua na estruturação de dicionários eletrônicos multilíngues de domínios especializados”, apresentam “a potencialidade de *frames*, constructos mentais que organizam o conhecimento, como interlíngua para o alinhamento de bancos de dados lexicais de dicionários eletrônicos multilíngues de domínios especializados [...] no desenvolvimento de um dicionário eletrônico trilingue – Português, Inglês, Espanhol – estruturado em *frames* para os domínios da Copa do Mundo, do Futebol e do Turismo”. Já no texto “O *dicionário informal* e a relação do falante com a língua”, Sheila Elias de Soares toma como “objeto de reflexão o *Dicionário inFormal*, sustentando que este abre um lugar para uma escrita criativa que desloca sentidos sobre a língua, o dicionário, e permite a ocupação de uma posição de autoria, o que leva à

possibilidade de um trabalho em sala de aula com a lexicografia ‘informal’”.

Em “A identificação das categorias lexicais v(erbo) e n(ome) a partir de categorias funcionais”, Sabrina Anacléto Teixeira e Maria Cristina Lobo Name investigam “o processo inicial de categorização de palavras pertencentes às categorias lexicais (N)ome e (V)erbo”, tomando como hipótese que “pistas distribucionais presentes no *continuum* da fala, como a coocorrência entre determinantes e nomes e entre pronomes e verbos, podem guiar os bebês nesse processo”. Ana Cristina Pelosi, no texto “Representações sociocognitivas de violência no Brasil urbano: violência no Brasil como uma força incontrollável”, objetiva “prover algumas reflexões a respeito de um conceito de representação corporificada e socioculturalmente situada – uma representação sociocognitiva”, bem como apresenta “alguns achados preliminares de uma análise das falas sobre violência urbana de participantes de dois grupos focais”.

Já fechando este número da revista, Maria Marta Furlanetto, no ensaio “Relações interpessoais e de saberes na Linguística Aplicada: o desafio da alteridade”, aborda “a questão da subjetividade nos estudos da linguagem para situá-la na contemporaneidade, em que se articulam novos objetos e novos procedimentos que atuam como desafios para a Linguística Aplicada (LA) como campo transdisciplinar”. Para tanto, a autora reflete sobre “o desafio da alteridade, que implica a questão ética, e tento mostrar que, criando um espaço próprio e formas não estáveis de tratar cada prática em seu tempo, espaço e condição política dos sujeitos, a LA pode fazer-se e refazer-se sem limites”.

Como palavras finais, meus agradecimentos especiais aos pareceristas, que se dispuseram a avaliar os trabalhos submetidos a este número. Sem o trabalho deles a revista não teria existência. Também meus agradecimentos à equipe da Revista da ANPOLL, que colaborou na edição deste número.

Rosângela Hammes Rodrigues
Universidade Federal de Santa Catarina
Organizadora deste número da revista

